

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Elisa Lisboa de Carvalho

**O GÊNERO RECEITAS COMO UMA FERRAMENTA PARA  
O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Belo Horizonte

2019

Maria Elisa Lisboa de Carvalho

**O GÊNERO RECEITAS COMO UMA FERRAMENTA PARA  
O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos de Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Gilmar Moura da Silva

Belo Horizonte

2019

C331g

Carvalho, Maria Elisa Lisboa 1987-

O gênero receitas como uma ferramenta para o letramento na Educação de Jovens e Adultos [manuscrito] / Maria Elisa Lisboa Carvalho. - Belo Horizonte, 2019.

29 f.

Monografia - (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

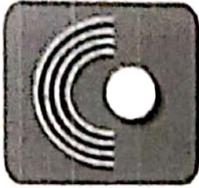
Orientadora: Gilmar Moura da Silva

1. Educação. 2. Alfabetização de adultos. 3. Letramento. 4. Leitura. 5. Culinária. 6. Fórmulas, receitas.

I. Título. II. Silva, Gilmar Moura da. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 374.414

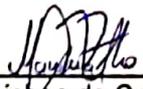
**Catlogação na Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG**



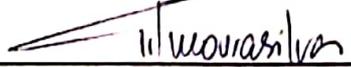
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para  
Educação Básica

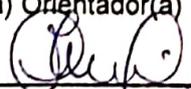
**ATA DE DEFESA DO SEXCENTÉSIMO QUINQUAGÉSIMO PRIMEIRO TRABALHO FINAL  
DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

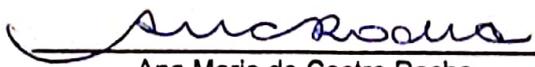
Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezanove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “O gênero receltas como uma ferramenta para o letramento na educação de jovens e adultos”, do(a) aluno(a) **Maria Elisa Lisboa de Carvalho**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Gilmar Moura da Silva (orientador) e Ana Carolina Machado Ferrari. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho Aprovado, atribuindo-lhe a nota 99,0, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a)   
Maria Elisa Lisboa de Carvalho

Registro na UFMG: 2018749069

  
Gilmar Moura da Silva  
Professor(a) Orientador(a)

  
Ana Carolina Machado Ferrari  
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

  
Ana Maria de Castro Rocha  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização  
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Ao Jow, por me apoiar nessa jornada e me amar muito além do que eu mereço. Ao Cauã, por ser um filho maravilhoso e compressível com a minha ausência com tão pouca idade.

*Este é o meu conselho: aprenda a cozinhar, tente novas receitas, aprenda com os seus erros, não tenha medo, e acima de tudo, divirta-se.*

*Julia Child (chef de cozinha e autora culinária)*

## **RESUMO**

Este trabalho apresenta o relato e análise do “Projeto Receitas de Família”, desenvolvido com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da série de alfabetização do Ensino Fundamental. O projeto ocorreu no período da noite em uma escola municipal da cidade de Belo Horizonte. O objetivo do projeto era incentivar o uso da escrita e da leitura, em alguma atividade rotineira da vida dos estudantes, como a cópia de uma receita gastronômica ou a escrita de uma receita de família. Buscou-se verificar também, o quanto o gênero receita, apresenta-se como uma ferramenta no auxílio do letramento para esse público específico. A hipótese é a de que a intimidade dos alunos da EJA com a culinária e naturalmente com as receitas, tornaria essa “barreira” da escrita mais facilmente ultrapassada. Todos os estudantes matriculados na EJA são moradores de um aglomerado da região metropolitana de Belo Horizonte, onde se situa a escola. A faixa etária é 33 a 85 anos de idade. A metodologia ocorreu através de encontros na biblioteca com os alunos, e também, entrevistas com as professoras regentes dessas turmas. Cada encontro possuía uma dinâmica diferente: aula expositiva, vídeo, debate, aulas prática na cozinha, oficina de escrita e confecção de livro de receitas. O projeto foi desenvolvido pela pesquisadora e apoiado por todas as professoras que trabalham no noturno.

**Palavras-chave:** Gênero receitas; Letramento; EJA.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO .....	10
4. METODOLOGIA.....	17
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	21
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	28
7. REFERÊNCIAS .....	29

## 1. INTRODUÇÃO

É corrente na sociedade brasileira o entendimento de que à escola cabe a maior responsabilidade pela formação de leitores. Quando propomos contribuir para o incremento do ato de ler, é na escola que se pensa. Move-nos a certeza de que o domínio da cultura letrada abre para cada sujeito um leque de possibilidades para a compreensão do real e do exercício da cidadania.

Entretanto, os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no ciclo do Ensino Fundamental, passaram boa parte da vida sem contato com a escola ou a abandonaram prematuramente, por motivos pessoais, sociais ou financeiros, e desse modo perderam a oportunidade de se formarem como leitores. O problema vai além do fato de estarem ou não alfabetizados, mas de saber o quanto se encontram realmente inseridos na cultura letrada, exercendo sua cidadania de forma autônoma, por direito.

Mulheres e homens adultos que estão no processo de alfabetização possuem certo receio das palavras, dos textos, das grandes frases. Isso deve, talvez, ao retorno recente para a escola em busca de aprendizado, autonomia, certificação. O que requer desses alunos coragem e determinação para enfrentarem a escola novamente. Nasceu, então, o “Projeto Receitas de Família”. A ideia é em última instância demonstrar que a produção de um texto pode ter o prazer da execução de uma receita, embora existam desafios a serem superados, seja para fazer um simples bolo, seja para partilhar uma receita com os amigos, ou quem sabe um livro de receitas.

O público alvo do projeto foram as turmas da Educação de Jovens e Adultos de uma escola da Rede Pública Municipal de Belo Horizonte. Apesar da idade inicial da EJA Ensino Fundamental ser de 15 anos, todos os estudantes dessas turmas estão com idade entre 33 e 85 anos.

Acreditamos que a intimidade dos alunos da EJA com a culinária, e naturalmente, com as receitas de família e tudo mais ligado ao meio gastronômico, pudesse ser

um fator que permitiria com maior facilidade quebrar a barreira, construída ao longo dos anos, entre aqueles alunos e a escola.

Partimos do conhecimento prévio dos alunos, e também consideramos o fator emocional, que envolve uma receita, especialmente, uma receita de família. Há nela uma história e, possivelmente, uma ligação afetiva que pode inspirar, incentivar e facilitar o aprendizado.

O objetivo do presente trabalho é aplicar o Gênero Receitas como instrumento para o letramento da Educação de Jovens e Adultos, avaliando sua eficácia no processo educativo. O “Projeto Receitas de Família” se justifica por ser uma ferramenta que pode orientar os professores da EJA dos anos iniciais, auxiliando-os a utilizar a bagagem e experiência dos alunos durante suas aprendizagens.

Todo o projeto foi elaborado e promovido pela pesquisadora, que é também a Auxiliar de biblioteca da escola, em parceria com as professoras do turno noturno. O trabalho contou com o apoio da supervisão e direção da escola.

O trabalho está estruturado em cinco capítulos: uma introdução, apresentando o desafio que constitui a leitura e a escrita para os alunos da EJA, a partir do gênero textual receitas, como uma ferramenta eficaz no processo de letramento desses estudantes. Em seguida trazemos o referencial teórico, com os principais autores que discutem o tema letramento e a abordagem das neurociências sobre o assunto. Na Metodologia descreve-se o planejamento para a realização do Projeto Receitas de Família. Na análise dos resultados, faz-se a apresentação dos efeitos colhidos durante a execução do projeto. Por fim, nas considerações finais, uma avaliação crítica quanto ao objetivo do projeto, apontando seu alcance e recomendações.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

A garantia do direito à educação dos jovens e adultos, que ainda não haviam frequentado ou concluído o ensino fundamental, foi redigida na Constituição de 1988. Recentemente, esse direito foi consolidado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96 – que instituiu a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), propriamente dita.

A crescente mobilização na rede municipal de Belo Horizonte em torno da construção de experiências de EJA, relativas às especificidades de seu público e pautadas por uma concepção ampla de educação que reconhece os saberes do mundo adulto e flexibiliza tempos e espaços de formação, subsidiaram a regulamentação da educação de jovens e adultos nas escolas municipais através do Parecer 093-02, aprovado em 07/11/2002.

Experiências político-pedagógicas têm buscado consolidar uma escola inclusiva para jovens e adultos, os quais não puderam concluir o ensino fundamental na idade/época recomendada. Entretanto, nem o aumento das vagas nas escolas, nem as inovações pedagógicas, garantem por si a efetivação do direito à educação para esse público. Os índices de evasão dessa modalidade, ainda são assustadores. A doutora em educação Suzana Schwartz, descreve o perfil dos alunos da EJA, em poucas linhas: “os alunos desta modalidade encontram-se já em idade de pertencer ao mundo do trabalho, não dispendo de tempo fixo disponível, o que os faz abandonar, repetidas vezes, a escola.” (SCHWARTZ, 2013, pg.13).

De acordo com um levantamento da doutora em educação Suzana Schwartz, a alfabetização e o ensino dos jovens e adultos vêm sendo desatendida pelas agências nacionais e internacionais nas duas últimas décadas. “As metas para Educação de Todos em Jomtien, 1990, e em Dakar, 2000, acabaram centrando-se nas crianças e na educação escolar básica. As metas do milênio para o desenvolvimento (2000 – 2025) nem se ocuparam dos adultos e suas necessidades de aprendizagem.” (SCHWARTZ, 2013, pg.36).

A alteração dessa situação requer o desenvolvimento de um processo educativo que procure o que é específico da formação de adultos. O primeiro passo é reconhecer o adulto como alguém que tem o saber e a noção de seus limites e possibilidades.

Em 1970 estudiosas em educação entrevistaram algumas professoras que trabalhavam na alfabetização de Jovens e Adultos. As professoras tinham dois questionamentos que percebiam como grandes obstáculos para o ensino desse público, em resumo, seguem as questões:

1. Como fazer para motivar alunos e alunas que já chegam à aula muito cansados?
2. Quando posso introduzir a letra cursiva?

A educadora Suzana Schwartz responde ambas as questões, primeiro, “se as aulas forem prazerosas, o cansaço será deslocado para um segundo plano.” (SCHWARTZ, 2013, pg.52). Segundo, “as mudanças no mundo moderno acabam por restringir muito o uso da letra cursiva, sendo o espaço escolar um dos seus últimos baluartes, o que a torna obsoleta” (SCHWARTZ, 2013, pg.52), priorizar o tipo de letra só fará dos alunos excelentes copistas, e não escritores e leitores plenamente formados. De forma bem simples e eficaz Schwartz transforma o que parecia um grande obstáculo, em apenas um detalhe que deve ser pensado e lembrado pelo professor ao se planejar uma aula ou qualquer atividade para a EJA.

Existem diversas formas de transmitir um conhecimento ou inspirar um aprendizado nos estudantes. O professor pode utilizar projetos dentro da escola quando um dos seus objetivos é unir a teoria com a prática. Segundo Prado, os projetos pedagógicos dentro das instituições de ensino caminham para o “conhecimento baseado na realização concreta de uma ação que produz um produto palpável (um artigo, um projeto, um objeto) de interesse pessoal de quem produz.” (PRADO, 2003, pg. 1).

Esse conhecimento focado na construção de algo concreto, carregado de significados para o educando traz as marcas construtivistas da educação. Vale ressaltar que bons projetos se iniciam com a busca de conhecimento para todos os

protagonistas envolvidos, professores e alunos, e as vezes toda a comunidade escolar.

Existem três aspectos fundamentais que o professor precisa considerar para trabalhar com projetos: as possibilidades de desenvolvimento de seus alunos; as dinâmicas sociais do contexto em que atua e as possibilidades de sua mediação pedagógica. (PRADO, 2003, pg. 3).

O professor no papel de mediador do saber, e não detentor de todo o conhecimento. Aliado a valorização do contexto social da escola e do aluno, tornam a pedagogia de projetos ou os próprios projetos, uma metodologia que deve ser considerada ao se trabalhar com a EJA.

Segundo Vygotsky (1995), a introdução de um conhecimento, como a leitura, por exemplo, deve ser feita de forma diferente segundo a idade de formação. As formas de pensamento diferem entre um sujeito de 7, 12 ou 35 anos, de forma que, embora o objeto de conhecimento seja o mesmo, a leitura, os procedimentos pedagógicos terão que ser diversificados para cada idade. Essa afirmação deve permanecer clara quando se trabalha na Educação de Jovens e Adultos.

Pensando na alfabetização desse público, mais importante que aprender a decodificar um sistema alfabético-ortográfico, é saber como utilizar esse sistema no dia a dia dos estudantes, para uso próprio, seja em situações acadêmicas ou nas de trabalho, enfim, no cotidiano do aluno. A utilização da língua escrita é conhecida como letramento. A alfabetizadora Magda Soares explica o conceito:

Letramento: o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções. (SOARES, 2014, pg.180).

Acreditar que a habilidade da leitura e escrita possibilita a abertura de novos horizontes para o indivíduo, não é um conceito novo, no entanto, não basta ser alfabetizado, mas sim letrado. O que significa para o sujeito a habilidade de utilizar a

leitura e escrita em benefício e crescimento próprios, de forma eficiente e para diversos objetivos.

Para incentivar o letramento dos alunos da EJA, que estão no processo de alfabetização, essência do “Projeto Receitas de Família”, era necessário produzir sentido e significar concretamente os conteúdos que os alunos estavam aprendendo dentro da sala de aula. Era preciso demonstrar que a escrita e a leitura não moram apenas dentro da escola, na atividade da professora e no quadro negro, mas sim, que estavam em todo lugar, apontando os benefícios de utilizá-la em todos os momentos da vida.

Utilizamos como ferramenta para incentivar o letramento o gênero textual receitas culinárias. De acordo com o linguista Marcuschi, gênero textual seria “uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”. (MARCUSCHI, 2014, pg.128). O gênero textual receitas culinária é definido, assim, pela sua propriedade funcional de instruir na elaboração de uma receita culinária. O formato desse gênero é composto por dois elementos básicos, a lista de ingredientes necessários para a receita e o modo de preparo, orientando como preparar cada ingrediente.

O gênero textual receitas não foi escolhido por acaso, os alunos mostravam interesse pelo assunto, tinham conhecimento prévio e viam utilidade nesse conhecimento para o seu dia a dia. Todas essas questões foram atendidas na construção de um projeto de leitura e escrita que atendesse esse público e suas particularidades. Os alunos tem idade entre 33 e 85 anos, a maioria trabalha o dia inteiro fora ou está aposentado e trabalha em casa ajudando a família. Oferecer algo de real interesse para esses alunos é fundamental para motivar a permanência dos mesmos na escola.

As pesquisadoras Ferreiro e Teberosky (1999) desenvolveram estudos fundamentados em Piaget (1986), que buscavam compreender a natureza dos processos de aprendizagem da língua escrita, principalmente no caso da alfabetização de pessoas mais velhas. Afirmam que: “entre o não saber e o saber há

certos intermediários” (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, pg.32). Ou seja, o aluno maduro não chega à escola não sabendo nada, ele possui uma leitura de mundo e nível de letramento social, alfabetizado ou não. Chegar ao nível máximo de letramento é o objetivo, cada aluno está dentro de um nível intermediário que deve ser considerado pelo professor. Em linhas gerais, as autoras, partiram das seguintes preposições:

- 1) O sujeito não é passivo, ele seleciona como e o que aprender;
- 2) O conhecimento não parte do zero;
- 3) Todo o conhecimento deve ser reconstruído pelo próprio sujeito, na sua forma e dentro dos seus processos. Dentro do processo ocorrem desvios que devem ser analisados como erros construtivos, hipóteses incompletas.

Alguns alfabetizadores defendem que o aluno necessita primeiramente codificar e decodificar (CAGLIARI, 1998; SOARES, 2001), para depois compreender realmente o que está lendo ou escrevendo. Entretanto, “ para produzir e compreender qualquer tipo de texto que desejar e/ou necessitar, é preciso interagir com a escrita, pensar sobre esse objeto de estudo como um todo, contextualizando nos diferentes portadores de texto” (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, pg.47).

Existe uma interação com a escrita dos alunos da EJA com o gênero receitas, pelo uso em seu dia a dia, na produção de algum alimento específico ou mesmo na troca de receitas entre seus pares. Ou seja, há um contexto de conhecimento prévio dos alunos acerca do objeto textual, que gera interesse nos estudantes, pela utilidade no cotidiano.

A neurocientista comportamental Elvira Souza Lima descreve como a aprendizagem pode ocorrer. A autora aponta duas formas distintas:

...enquanto as aprendizagens na vida cotidiana trazem inerentes a si mesmas seus significados, uma vez que decorrem das práticas sociais e culturais, das condições de vida e da organização de cada coletivo humano, as aprendizagens na escola encontram seu significado na história das ideias e no complexo processo de desenvolvimento da consciência humana, aspectos bem menos evidentes que os citados no primeiro caso (LIMA, 1997, p.3)

Na contramão dessa ideia, cabe ao professor tentar promover uma aprendizagem de significados imediatos na escola, de modo que os alunos consigam perceber as ligações entre o que se aprende em sala de aula e o meio social no qual vivem. A experiência anterior à escola é tão relevante para o desenvolvimento do indivíduo quanto a própria experiência escolar, principalmente quando se trata de um aluno da EJA, adulto plenamente formado, que carrega uma bagagem imensurável de experiência de vida.

As aprendizagens ligadas às práticas sociais são importantes, não apenas por considerarem o dia a dia e as questões culturais do indivíduo, mas também por estarem intimamente conectadas ao “processo de aprendizagem humana que envolve ao menos três componentes dos quais sabemos ainda pouco: a memória, a consciência e a emoção” (LIMA, 1997, pg.5). Resgatar as memórias de infância por meio de receitas culinárias de família, carregadas de histórias e emoção, constituiu um dos fundamentos do “Projeto Receitas de Família”. Nota-se que o projeto, pela carga de afetividade que traz consigo, promove maior engajamento dos alunos, o que outra atividade, mais distante de suas realidades, talvez não consiga tamanho envolvimento.

Durante o desenvolvimento do projeto, o relato de uma das alunas confirma o que acabamos de dizer: aos 72 anos ela foi capaz de ditar de memória, uma receita de canjiquinha com costela de porco para a pesquisadora. Ao ver a receita escrita no papel, confessou emocionada - “agora eu vou ter para sempre a receita da minha mãe”. Tal fala, valida a afirmação de que a emoção é um componente essencial para a aprendizagem de todo estudante, sobretudo para o aluno de EJA. O mais significativo, entretanto, foi que, não satisfeita em ter a sua receita escrita com letra de outrem, decidiu tê-la escrita com a sua própria letra. Ao final, tinha em mãos algo escrito de sua própria autoria, com as dicas, os segredos e a riqueza de detalhes, exatamente como existia em sua memória. Agora, registrado em papel.

Vale indagar: o que justifica lembrar detalhadamente toda uma receita de família, decorrido tantos anos, sem recorrer à ajuda de ninguém? De maneira mais ampla, podemos perguntar: como as avós se lembram de suas receitas, sem a necessidade de consultá-las no livro de culinária, não se esquecendo de nenhum detalhe ou

ingrediente? Em, Lima (1997), encontramos a resposta, quando afirma que, se o conteúdo estiver consistentemente ligado à biografia do indivíduo, maiores serão as chances de recordá-lo. Ou seja, é de vital importância que “o conteúdo se relacione com a história de vida do indivíduo, mas o conteúdo não necessita ser parte da experiência imediata do sujeito.” (LIMA, 1997, pg.11).

Didaticamente, podemos inferir que o professor que estabelece uma ponte entre seu conteúdo e algum aspecto da história de vida do educando ou a sua identidade como sujeito, provavelmente terá mais sucesso que aquele que acredita que as referências de fora da escola não são importantes para a construção do conhecimento necessário na vida dos alunos.

#### 4. METODOLOGIA

A escola onde aconteceu a pesquisa localiza-se dentro de um aglomerado, situado na Região Centro-Sul de Belo Horizonte, na qual existem sete vilas. Esse aglomerado, especificamente, tem aproximadamente, 50 mil habitantes e segundo dados da Prefeitura de Belo Horizonte, é a maior favela da capital mineira. O mesmo possui em seu interior e em seu entorno, seis escolas municipais, que atendem estudantes do ensino fundamental e outras seis escolas estaduais que atendem tanto ao ensino fundamental quanto o médio.

A escola foi criada pelo Decreto nº 6482 de 23 de Fevereiro de 1990 e autorizada para início de funcionamento em 25 de setembro de 1990, para ofertar o Ensino Fundamental, atendendo aos 1º e 2º ciclos de formação. A abertura da escola se justificou pelo resultado do cadastramento feito pelas escolas municipais e estaduais de Belo Horizonte para aquele ano, que revelou um elevado número de crianças inscritas, mas que não tinham onde se matricular por falta de vagas nas escolas públicas.

Atualmente a escola deste estudo, atende 24 turmas, sendo 10 turmas do 1º ciclo no turno da tarde, 10 turmas do 2º ciclo no turno da manhã e 4 turmas da EJA, 2 turmas para alfabetização e 2 turmas de certificação, todas ocorrendo no período da noite.

A abertura de turmas da EJA na escola foi autorizada no início do ano de 2014; frente à demanda posteriormente comprovada pela comunidade escolar da necessidade de abertura dessa modalidade educativa.

As portas dessa escola estão sempre abertas para a comunidade, existe uma grande participação das famílias nos eventos promovidos pela escola. Essa boa relação entre família e escola fez com que muitos pais de alunos se sentissem motivados para retomarem os seus estudos, transformando-se em novos alunos da EJA. E assim, estreitando ainda mais a relação família escola, fomentando o maior interesse da comunidade com as questões educacionais e as suas atividades pedagógicas.

O “Projeto Receitas de Família” nasceu do planejamento da biblioteca escolar. O objetivo era atender as turmas da EJA, que não poderiam ter acesso à leitura apenas com os contos de fadas e histórias de dragões, tal como acontece com os alunos do 1º e 2º ciclos.

Na escola existe um grande programa de incentivo à leitura com horários semanais para atendimento na biblioteca de todas as turmas da escola. Nesse atendimento ocorre o empréstimo de livros de literatura e também a contação de uma história ou um recital de poesia, dentre outros projetos de incentivo à leitura.

Infelizmente, os alunos da EJA não tinham muito interesse pelos atendimentos na biblioteca. Achavam perda de tempo e não viam utilidade em frequentarem o espaço. Após observar o grupo de alunos da EJA, percebemos que havia um interesse comum pela culinária devido aos inúmeros diálogos sobre um famoso programa de culinária, o Masterchef. Além disso, 90% dos alunos são mulheres, com idade acima dos 33 anos, o que poderia facilitar o envolvimento com o projeto de receitas.

A proposta do projeto foi levada à direção da escola e em seguida para o corpo docente do turno noturno. Ambos ficaram empolgados com a ideia de utilizar o gênero receitas para auxiliar na alfabetização e no letramento dos alunos da EJA. Inicialmente, o projeto foi pensado para todas as turmas da EJA: duas de alfabetização e duas de certificação. No entanto, as de certificação, devido a razões pessoais daqueles grupos, decidiram não participar do “Projeto Receitas de Família”. O estudo, então, se limitou às turmas de alfabetização.

As duas turmas da EJA alfabetização, turma EJAAA e turma EJAAB, que participaram do projeto são formadas respectivamente, por 22 e 24 alunos. Os encontros ocorreram semanalmente e separadamente uma turma da outra, mas houve o mesmo planejamento para ambas.

O projeto foi elaborado para 10 encontros em cada turma, um encontro por semana. Infelizmente, com a eminente transferência da pesquisadora que é também a Auxiliar de biblioteca da escola, e responsável por esse projeto, foi necessária a

reformulação do cronograma, para não comprometer o andamento e conclusão do projeto.

Os encontros foram reduzidos para se chegar ao produto final, à produção do livro de receitas pelos próprios alunos. O projeto passou para 6 encontros orientados pela pesquisadora, envolvendo as professoras, que se comprometeram a trabalhar outras receitas com os alunos em sala de aula. A seguir, um breve resumo dos encontros realizados pela pesquisadora.

No primeiro encontro, foi entregue aos alunos o poema *Receita de Mulher*, do poeta carioca Vinícius de Moraes. Os estudantes foram orientados a acompanhar a leitura por meio do áudio do próprio autor. Todo o poema foi escrito em “caixa alta”, para facilitar a leitura dos versos. Após a leitura, iniciou-se o debate em torno de diversas questões: o tema do poema (sobre o quê tratava o poema?), seu título, seu autor, indo até às questões feministas.

Em outro momento desse primeiro dia, exibiu-se um vídeo para os alunos: o programa “Receita de Família”, de Rodrigo Hilbert. No episódio, o apresentador ensinava a cozinhar uma galinha caipira com polenta. Após o programa novo debate foi feito. Dessa vez, com mais entusiasmo por parte dos alunos: a receita estava certa? Qual a diferença dessa receita com a do início da aula? A receita foi realmente bem explicada pelo apresentador?

No segundo encontro, uma receita de bolo de cenoura foi escrita no quadro. Distribuiu-se entre os alunos uma cópia impressa da receita (tanto no quadro, quanto no papel, escrita com letras em caixa alta). Muitos alunos, ainda assim, copiaram a receita no caderno. Houve uma correção da receita feita pelos próprios alunos, incluindo um ingrediente que não constava na lista original e uma análise detalhada da estrutura do gênero receitas.

O terceiro encontro não aconteceu na sala de aula, nem na biblioteca. Toda a turma foi convidada a descer para cantina da escola, munidos apenas com a receita do encontro anterior e desafiados a cozinhar um bolo de cenoura para a hora do lanche. Com certeza esse foi o encontro mais animado e todos da turma participaram, inclusive a professora referência.

O quarto encontro aconteceu na biblioteca. Uma grande roda de conversa foi feita com os alunos, a professora e a pesquisadora. Um bate-papo foi iniciado com o tema “Receitas de Família”. Cada um deveria escrever no papel, qual a palavra, sentimento ou sensação se lembravam quando pensavam em receita de família, comida em família. As palavras foram escritas, algumas com ajuda, outras não. Depois foram lidas e discutidas junto com o tema inicial da roda de conversa. Ao final do encontro, os alunos foram orientados a trazer, na próxima aula, uma receita de família manuscrita.

No quinto encontro foi feita a leitura das receitas manuscritas. Os alunos foram orientados a reescrever as receitas, por diversas razões: para se adequar ao formato do gênero, para corrigir alguns desacordos ortográficos, para ter a receita manuscrita com a sua própria letra (a filha da aluna escreveu a receita para ela ou tirou uma foto da receita com o celular). Houve também o caso de uma receita ditada para a pesquisadora, passo a passo, para que a aluna não ficasse de fora da atividade. Depois a aluna copiou a receita, muito satisfeita, pois agora ela a teria por escrito.

As receitas do encontro anterior foram digitadas e unidas para se transformarem em um livro para a turma. O último encontro foi para a elaboração da capa do livro de receitas. Cada aluno teria o seu próprio exemplar. A capa do livro foi um trabalho feito em parceria com a professora de Artes.

Inspiradas pelo “Projeto Receitas de Família”, as professoras Lygia e Ruth, entre o primeiro e o último encontro do projeto, passaram para os alunos mais três receitas em sala de aula. Que foram lidas, analisadas e elaboradas pela turma.

Após os seis encontros realizados de formas variadas com os alunos, a pesquisadora entrevistou algumas alunas individualmente, uma professora referência de cada turma participante desse projeto, a coordenadora do turno noturno da escola pesquisada e a coordenadora geral da escola. Todas as entrevistas foram individuais e tiveram o intuito de analisar a satisfação dos sujeitos envolvidos quanto ao projeto “Receitas de Família” e principalmente se o gênero receitas se mostrou como uma ferramenta válida para o incentivo do letramento na Educação de Jovens e Adultos.

## 5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os seis encontros do “Projeto Receitas de Família” foram elaborados para incentivar a escrita e demonstrar aos alunos o quanto eles já possuíam de conhecimento prévio. O contrário do que se costumava ouvir dos próprios alunos, antes do início do projeto de receitas: “eu não sei fazer”; “é muito difícil”; “eu nunca fiz isso antes”; “estou perdido na aula”. Todas essas declarações mostravam certa insegurança por parte dos alunos. Trabalhar um tema no qual eles se sentissem confortáveis, detentores de saber, foi fundamental para movimentar todos os encontros do projeto.

No primeiro encontro com os alunos, o poema *Receita de Mulher*, com seus 63 versos, a princípio os assustou um pouco. Depois, houve também uma quebra de expectativa, afinal, a pesquisadora, informou-os que fariam uma receita e no lugar surgiu um poema.

Alguns acompanharam deslizando os dedos sobre o papel, enquanto ouviam a voz do poeta recitando os seus versos. Outros nem tocaram no papel. Ao final do poema não quiseram falar muito. A professora e a pesquisadora fizeram muitas perguntas incentivando-os, levantando os debates, toda vez que percebia o silêncio entre eles. Uma aluna exclama: “aquela receita poema era “um trem complicado””! .

Não havia segurança entre os estudantes para questionar ou comentar sobre esse tipo de texto, talvez, dado o seu vocabulário pouco usual. Porém, no mesmo dia, a exibição do vídeo de Rodrigo Hilbert, os alunos tinham muito a falar, conheciam a receita, sabiam os princípios básicos da cozinha e com isso sentiram-se confortáveis em questionar, comentar, participar.

Eles detinham o conhecimento, havia uma bagagem que poderia ser aproveitada. No começo do encontro, a pesquisadora informou que queria construir um projeto e precisava da ajuda de todos para escrever um livro. Nenhum aluno respondeu a esse pedido.

Ao final do encontro, com o tema já apresentado aos alunos como sendo o gênero receitas, foi retomado junto aos alunos o propósito de se escrever um livro de receitas da turma. Nesse momento, todos os alunos ofereceram sua ajuda e receitas. Estavam entusiasmados em participar e partilhar com os colegas receitas e conhecimento. Não havia mais receio da parte deles em não conseguirem ajudar. A educadora Suzana Schwartz diria que nesse momento os alunos foram seduzidos, que ocorreu uma mobilização dentro da sala e que é papel do professor fomentar tais aspectos para que ocorra o aprendizado, nas palavras da autora: “para que os alunos e alunas aprendam a ler e a escrever é preciso que desejem fazê-lo” (SCHWARTZ, 2013, pg.189).

A pesquisadora e a professora referência perceberam que os estudantes tornaram-se mais participativos ao longo do projeto. No encontro em que trabalharam a receita de um bolo de cenoura, o objetivo era demonstrar para os alunos a estrutura do gênero receitas, seus componentes essenciais e a ordem dos elementos.

Prontamente, ao final da lista de ingredientes, várias alunas decidiram opinar e alterar o texto oferecido. Corrigiram a receita, incluindo uma pitada de sal na massa do bolo. Uma aluna atenta garantiu: “levanta o sabor”. A pesquisadora informou que não conhecia esse truque, mas imediatamente o ingrediente foi incluído na lista, um modo de valorizar a participação dos alunos.

A crítica dos alunos com os elementos pré-definidos do texto demonstra certo grau de letramento no assunto, que gera uma segurança, a ser incentivada, de modo que possa se estender para outros textos que venham a ter contato.

Dentro do nosso cronograma decidimos executar a receita de bolo de cenoura. Toda a turma foi encaminhada para cantina da escola. Os ingredientes já estavam separados para que a turma seguisse a receita que fora escrita na aula anterior.

Algumas alunas tomaram a frente na hora de cozinhar, outras ficaram rodeando a entrada da cozinha. Nenhuma delas utilizou a receita no primeiro momento, sabiam a receita de memória. A pesquisadora lembrou a todos os alunos a receita anotada e orientou-os para a leitura, para se certificarem que tudo estava dentro da receita.

Embora garantissem que estava correto, seguiram a proposta e leram a receita passo a passo.

Acreditamos que a escolha da receita para ser praticada foi incorreta. O ideal seria uma receita inovadora, que as alunas ainda não tivessem feito. Talvez esse fato as motivasse a ler a receita e seguir cada passo. Nesse caso, não por orientação da pesquisadora, mas pela necessidade da leitura, como condição para realizar a receita.

Na roda de conversa do quarto encontro, os alunos escreveram palavras que definiam como se se sentiam em relação as suas receitas de família, o ato de se comer em família. Eles deveriam completar a frase: “Comida em família lembra...”, e eles completaram com: alegria, prazer, união, felicidade, amor e até briga. A justificativa da aluna que sugeriu a palavra briga foi a de que: “família que não briga não é família”.

Ao final do encontro os alunos foram orientados a trazerem suas receitas de família. Muitos se anteciparam e já contaram qual receita iriam trazer. A receita havia marcado suas infâncias, carregava traços da sua origem.

O quinto encontro foi extremamente emocionante, os alunos não apenas trouxeram a receita manuscrita, fotografada e de memória para ser ditada. Trouxeram histórias de como a receita entrou para a família, como a receita foi passada de geração em geração, como aquela comida lembrava alguém muito importante, como aquela receita lembra família, infância, mãe e avó, como a receita tem um segredinho do interior de Minas.

Todos os alunos mostraram as suas receitas, contaram as suas histórias e depois foram orientados a reescrevê-las para a correção dos erros ortográficos e para adaptarem o texto ao formato do gênero receitas. Foi um trabalho em equipe, de escuta e ajuda mútua, em que todo mundo estava disposto a ouvir, ajudar e dar dicas uns para outros, fossem dicas culinárias ou literárias, ambas estavam envolvidas no processo.

Entre o quinto e o sexto encontro aconteceu algo fora do planejamento, porém enriquecedor para o “Projeto Receitas de Família”. Os alunos tiveram uma aula de informática (aula disponibilizada uma vez por semana). Como o “Projeto Receitas de Família” estava em andamento, a pesquisadora foi para a aula de informática junto ao monitor da aula para demonstrar como se pesquisa uma receita, os sites mais famosos e os vídeos de receitas do Youtube.

Nesse momento, podemos afirmar que os alunos foram inseridos no processo de letramento digital, que na atualidade é tão importante quanto o letramento em si. De acordo com a doutora em Linguística Ana Elisa Ribeiro, “letramento digital diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis...” (RIBEIRO, 2014, p.183).

Apresentar para os alunos uma forma de encontrar receitas por meios tecnológicos, através de sites especializados ou vídeos no Youtube, abre um leque de possibilidades de busca de informações, não apenas receitas, mas também informações jurídicas, úteis, necessárias no dia a dia. É direito de todos terem acesso às plataformas digitais, aprender acessar o universo online faz parte dessa conquista.

O sexto encontro foi dedicado à confecção da capa para o livro de receitas. Algo extremamente desafiador para a pesquisadora, que coordenava o projeto, devido à falta de habilidades manuais. Todas as receitas foram digitadas por ela e impressas na escola. A capa do livro foi produzida com papelão e tecido colorido. Cada aluno confeccionou sua capa. Felizmente ocorreu uma parceria com a professora de Artes e os próprios alunos se mostraram bastante criativos na produção da capa dos livros.

Quando os alunos receberam os seus livros de receita, com as suas receitas e os seus nomes impressos foi um momento extremamente memorável. Eles estavam satisfeitos e orgulhosos diante de um trabalho autoral e muito bem feito. Quando questionados se eles gostaram do “Projeto Receitas de Família” todos responderam que sim, e que o único defeito foi a duração, “não durou nada”, afirmou uma das alunas.

Posteriormente algumas alunas foram questionadas individualmente, sobre o projeto, e se elas achavam que o projeto foi de real auxílio para o seu aprendizado e para a melhora da sua escrita e da sua leitura. Duas alunas responderam o seguinte:

Primeira aluna: “Eu acho que ajudou, porque antes a minha letra era muito feia, agora melhorou. Eu também não sabia quando parar na linha e agora eu sei quando devo ir para baixo.” (Aluna de 56 anos, em processo inicial de alfabetização)

Segunda aluna: “Eu gostei muito do projeto, eu já sei ler e escrever, mas não sei nada de computador, mas agora eu tô aprendendo a mexer no computador e encontrar receitas.” (Aluna de 33 anos, em processo final de alfabetização).

A primeira aluna foi uma agradável surpresa para o projeto, as professora falavam que ela ficava muito calada e isolada no fundo da sala, fazia as atividades, mas não se envolvia nos debates que ocorriam em sala. No entanto, o vídeo do Rodrigo Hilbert e sua receita de galinha caipira deram voz a essa aluna. Ela tinha opinião, tinha visão crítica e queria compartilhar não só uma, mas várias receitas de sua família. Quando ela diz que aprendeu a parar na linha, é na linha da margem do caderno, que anteriormente ela atravessava e escrevia até a outra página do caderno brochura. Felizmente, agora ela aprendeu que deve ir para linha de baixo quando se chega à margem do caderno.

Julgamos que a melhora das suas habilidades na escrita não se devem ao projeto, mas à sua excelente professora e ao seu próprio esforço pessoal. Porém, acreditamos que essa aluna deve ser mencionada, pela confiança que ela adquiriu dentro do ambiente escolar no momento que algo extremamente familiar a ela se apresentou. De uma aluna pouco participativa, conseguimos a aluna mais participativa do projeto e percebemos que essa boa interação com os colegas e a professora referência contagiaram suas atitudes em todas as atividades escolares.

A segunda aluna, uma aluna bem mais avançada no processo de alfabetização que a primeira. Mostrou um grande interesse pelos sites, blogs e vídeos culinários. Uma grande fã do programa Masterchef, pediu para aprender como escrever para eles através do Twitter (rede social), e também como pesquisar receitas de diversas

formas pela internet. Esse letramento digital foi fomentado pelo projeto, e pode ser utilizado para outros temas e interesses da aluna.

Após a finalização do projeto foram realizadas entrevistas com as professoras e a coordenadora do turno noturno, para que opinassem sobre o projeto e o gênero receitas, mensurando sua qualidade como uma ferramenta para o letramento e/ou alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Todas as respostas foram positivas. As professoras aprovaram o “Projeto Receitas de Família” e confirmaram que o gênero receitas é uma excelente ferramenta para o letramento da EJA.

Inesperadamente, foi frisado por mais de uma educadora que o gênero receitas é uma ótima ferramenta para desenvolver conteúdos não apenas de Português, mas de Matemática, Geografia e História.

Sabíamos de forma intuitiva que o gênero receitas seria uma ferramenta útil para o letramento da EJA, mas quão boa e proveitosa essas receitas poderiam ser em detrimento de outros gêneros textuais, só foi possível avaliar após esse trabalho, que é favorecido com o relato de uma das educadoras da escola:

Vejo vantagens em utilizar esse gênero porque ele envolve as memórias afetivas. Aprender com significado é uma receita de sucesso. Existem inúmeros planejamentos que abarcam a relação do aprendizado com as emoções. Há um despertar para o sentido das linguagens e isso favorece consideravelmente o desenvolvimento cognitivo. (Relato da coordenadora do turno noturno da escola pesquisada)

Perceber uma maior intimidade dos alunos com o texto escrito, com o lápis e o papel ao longo dos encontros poderia ser considerado um avanço no processo individual de letramento de cada indivíduo. Mas o real letramento ocorreu quando ao longo dos encontros houve troca das receitas entre os próprios alunos, e motivados pelos encontros, interesse em aprender sobre plataformas digitais de leitura e pesquisa.

O uso da leitura e da escrita no dia a dia, com eficiência e independência são as características de uma pessoa inteiramente letrada e inserida numa sociedade letrada. O “Projeto Receitas de Família”, em nossa avaliação, contribuiu para despertar nos alunos o valor do letramento, que de alguma forma já possuíam, embora desconheçam esse fato. Uma nova visão para a cultura letrada foi

inserida nos estudantes, a escrita e o texto impresso deixaram de ser monstros, obstáculos e se tornaram ferramentas feitas para facilitar a vida, acessíveis e extremamente úteis no seu cotidiano.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando no ponto de partida, objetivo desse trabalho foi o de mensurar quanto o gênero textual receitas é uma boa ferramenta para auxiliar o letramento da EJA nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa confirmou a hipótese que a familiaridade com o tema ou assunto escolhido tem a tendência a quebrar barreiras construídas ao longo dos anos longe da escola, principalmente quando se trata do aluno maduro.

Além da questão de familiaridade com o tema, a emoção juntamente com a memória são armas poderosas para a aquisição de novos conhecimentos, principalmente na área da linguagem. E como vimos, as receitas culinárias não são apenas orientações de como fazer uma comida, elas estão embebidas em memórias afetivas, em histórias de vida, em fatos intimamente ligados a biografia daqueles sujeitos.

Devemos ressaltar a aprovação do “Projeto Receitas de Família” tanto pelas professoras da EJA quanto pelos próprios alunos. O fato dos sujeitos principais do ato de aprender aprovarem o projeto é um dos maiores aiais que um projeto pode ter. Além disso, o gênero receitas surpreendeu, pois ultrapassou a sua utilidade esperada como ferramenta para o letramento ou até alfabetização da EJA e foi visto como possibilidade de ferramenta para o ensino de outras disciplinas.

O gênero receitas não apenas se mostrou como uma estratégia útil para o letramento da EJA, mas uma das melhores ferramentas para tal função, por possuir caráter familiar, memorial e afetivo. Utilizar um gênero tão próximo dos nossos alunos, de suas realidades e referências faz com que a aprendizagem não seja um susto, sacrifício ou uma batalha. O aprendizado se torna uma imersão, sem fronteiras entre o saber da escola e o de casa. E esse pode ser o grande segredo para melhorar a educação atual.

## 7. REFERÊNCIAS

BRASIL/MEC. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE. Câmara de Política Pedagógica. Parecer nº 093-02 de 07 de novembro de 2002. Regulamentação da Educação 42 de Jovens e Adultos nas Escolas Municipais de Belo Horizonte.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. A psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LIMA, Elvira Souza. *Desenvolvimento e Aprendizagem na Escola: Aspectos Culturais, Neurológicos e Psicológicos*. São Paulo: GEDH, 1997.

MORAES, Vinícius de. Antologia poética. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.196-7.

PRADO, M. E. B. B. Pedagogia de projetos. Série “Pedagogia de Projetos e Integração de Mídias”-Programa Salto para o Futuro, Setembro, 2003.

SCHWARTZ, Suzana. Alfabetização de Jovens e Adultos: teoria e prática. 3 ed. Petrópolis: Editora vozes, 2013.

TUDOGOSTOSO, Bolo de Cenoura – 2019. Disponível em: <https://blog.tudogostoso.com.br/noticias/como-fazer-um-bolo-de-cenoura-perfeito/> Acesso em: 13 mai. 2019.

UFMG. Faculdade de Educação (FaE). Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale). Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte, 2014.